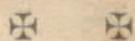


O BERTO da GROS

Director — HUGO D'ALMEIDA



SEMANARIO NACIONALISTA



Editor — ANTÓNIO LINO

Redacção e Administração — Rua de Santo António, 119

Impressão: Tipografia Minerva — Vila Nova de Famalicão

Propriedade da Empresa

Comemoração de Aljubarrota

EM 14 de Agosto de 1385 — há portanto 551 anos — foi travada entre portugueses e castelhanos a batalha de Aljubarrota, não muito longe do sítio onde hoje se admiram a igreja e convento da Batalha, erguidos em comemoração da vitória. A desproporção das forças em presença — 7.000 portugueses para mais de 30.000 inimigos — o fulminante da vitória, as pesadíssimas perdas infligidas aos castelhanos, a fuga do rei de Castela, a maneira como foi conduzida a batalha sob o aspecto puramente militar por esse extraordinário generalíssimo, assombroso de misticismo religioso e de génio guerreiro, que se chamou D. Nuno Alvares Pereira, fazem de Aljubarrota o ponto central da longa guerra havida com Castela e a vitória mais representativa do esforço de nossos avós pela independência de Portugal. Esta a primeira e grande liberdade por que se bateram então.

A crise de pensamento e de consciência que se passou na passagem da primeira para a segunda dinastia atormentou os portugueses, os perigos que afrontaram, as fomes e pestes que sofreram, as lutas em que se empenharam só para manter o direito de não serem governados por outros e vincar a aspiração de continuar o seu rumo histórico sem sujeição a rei estrangeiro, gravaram para sempre Aljubarrota no espírito da Nação e fizeram desta data a verdadeira festa da independência pátria.

Passaram sobre o acontecimento alguns séculos que não foram sempre de paz e concórdia na península. Novas dificuldades de sucessão no trono português trouxeram o domínio dos Filipes e contra ele as longas guerras da restauração. Sobre estas mesmas também já passaram séculos. Era ridículo ter alimentado nos corações os rancôres nascidos das batalhas; por isso Aljubarrota, Valverde, como três séculos mais tarde Montijo, Ameixial, as linhas de Elvas, Montes Claros são vitórias mas não já gritos de ódio, não são hoje contra ninguém, são por nós mesmos.

*

* *

E parece que assim mesmo deveria ser.

Podemos orgulhar-nos de sermos na Europa o único país cujas fronteiras se podem dizer imutáveis desde há séculos; e, facto curioso! uma vez tallada pelos primeiros reis na faixa atlântica, nem mesmo se notou nunca a preocupação de alargar na península as fronteiras da Pátria. Ia noutra direcção a força expansiva da raça, o seu génio descobridor e de colonização: pelo Atlântico, pelo Indico se expandiu o povo português, descobriu as terras e os mares, abriu aos outros povos novos caminhos e caminhos de novos mundos, levando e deixando por toda a parte o traço característico da sua dominação — o humanitarismo da sua alma latina, o apostolado da sua civilização cristã.

Por outro lado a Espanha seguiu também o seu curso, ora paralelo ora concorrente ergueu a sua história ao nível dos grandes heroísmos e façanhas, fez na América Central e do Sul, afóra o Brasil, poderosas nações, filhas do seu sangue e do seu catolicismo. Não precisara de nós e só contra nós não pudera nunca ter razão.

Estamos em face de um imperativo histórico, contra o qual têm lutado debalde os derrotistas, os acomodaticios, os filósofos daquém fronteiras. Estes têm o direito, de, raciocinando sobre abstracções, classificar de erro o que os séculos impuseram e a nossa vontade inabalável se sente obrigada a manter.

OLIVEIRA SALAZAR.

A' MARGEM

A clareza de pensamento depende do vigor das expressões.

A falta de precisão verbal é um dos motivos mais alarmantes da confusão de ideias.

Falar claro é pensar bem.

Assim, cultura e barbárie são os termos adequados a uma justa classificação das duas correntes que hoje se degladiam na nação vizinha.

Dum lado, a Espanha de Unamuno, sob o domínio do Espírito; do outro, hordas de criminosos, accionados pelo instinto.

Na luta entre o homem, fruto da civilização cristã e a besta-fera, produto do comunismo, a vitória caberá ao primado do Espírito, sob pena do regresso à barbárie.



Um sargento governamental destrói uma igreja, uma obra de arte, um monumento, e ileso regressa com o seu avião a Madrid.

Segundo o critério da política da barbárie, tão «gloriosa» acção exige como prémio, a promoção do sargento a alferes.

Assim procedeu o governo de Madrid.



A barbárie atinge, porém, aspectos de asiática ferocidade quando desenterra os cadáveres das freiras e os expõe nas ruas.



Urge que todos os portugueses tomem o partido da Civilização contra a Barbárie, o da Inteligência contra a Desordem.

Quem tem razão?

Dewey diz: O homem considerado em si é uma abstracção, só existe uma realidade — a sociedade.

Natorpe afirma: O homem faz parte integrante da sociedade, a ela tendo de se adaptar pela educação.

Mantegazza, por sua vez, diz que os socialistas ignorantões pretendem inundar o homem num pantano de socialidade.

No tempo por vir demonstrar-se-á que o homem é tudo o resto nada ou quasi nada.

Da cidade

SOCIEDADE

Partidas:

Nas suas propriedades de Vila Nova de Sande, encontra-se o estimado vimaranense sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos.

— Acompanhado de sua esposa, seguiu para as suas propriedades de Nespereira, o sr. dr. João Rocha dos Santos.

— A passar uma temporada no campo, encontra-se em Pinheiro, o nosso particular amigo sr. Silvino Malheiro Rodrigues.

— Para a Póvoa de Varzim, com sua família, dirigiu-se o sr. José Pinto Teixeira de Abreu.

— Está no Pôrto, o abalisado professor do canto coral do nosso Liceu, sr. Filinto Nina.

— Em Mafra, na escola de oficiais milicianos, encontra-se o nosso amigo sr. Gaspar Amaral.

— Na Póvoa de Varzim, em vaneio, está o sr. dr. Porfírio Henrique de Almeida Carneiro.

Chegadas:

Da Póvoa de Varzim, regressou a esta cidade o sr. dr. Alberto Milhão.

— De Leiria, onde passou 15 dias, regressou a Guimarães, o nosso editor, sr. António Lino.

— Encontra-se entre nós, junto de sua família, o sr. José António Martins de Sequeira Braga, distinto aluno da Escola de Belas Artes do Pôrto.

— Vindo de Almodovar, chegou a esta cidade o professor António Silvío da Silva Macedo.

Visitas:

Cumprimentamos nesta cidade, o nosso prezado assinante, sr. Adelino Sampaio, de Fareja.

— Esteve nesta cidade o arquitecto sr. Marques da Silva.

Festival noturno

No recinto da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, realiza-se amanhã um festival noturno em benefício da Caixa Escolar deste estabelecimento de ensino.

O programa, cheio de atracção, consta de iluminações, sessões de fogo, descantes populares e concerto pela banda dos Bombeiros Voluntários.

Durante o festival as alunas da Escola servirão em barracas caldo verde, bebidas e petiscos.

Esta meritória iniciativa, digna do mais rasgado elogio, revela bem a compreensão dos gerentes da Caixa Escolar, da sua missão de auxílio aos alunos pobres.

Abôrto epizoótico

A fim de se proceder ao estudo do abôrto epizoótico e subseqüente profilaxia e tratamento de tam perigosa doença para o homem e espécies pecuárias, são avisados os proprietários de animais que tenham abortado (perigado — motivado) de que devem dar imediatamente conhecimento de tal facto a qualquer das seguintes entidades.

Intendente de Pecuária, Médico Veterinário Municipal, Administrador do Concelho e Regedor da freguesia.

Orquestra Vimaranense

Este apreciado conjunto artístico vai realizar, bravemente, a sua festa artística, cujo programa a executar já está sendo elaborado, fazendo parte do mesmo um número inédito para Guimarães.

Reina grande entusiasmo entre a sociedade elegante desta cidade.

Brevemente publicaremos o respectivo programa.

Romagem a Aljubarrota

Incorporaram-se na delegação vimaranense que no dia 14 foi a Aljubarrota, membros da Câmara Municipal, direcções dos Sindicatos Nacionais, alunos do Liceu, da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda e professores primários.

EXCURSÃO

Partem hoje destacadade, numa extensa digressão através do país, o grupo excursionista «6 Arautos Independentes».

Romagem à Batalha

Representaram o Município de Guimarães nesta romagem patriótica, os srs. vereadores Alberto Costa, dr. José Maria de Castro Ferreira e A. L. de Carvalho.

PELAS LETRAS

Sob o tema Aljubarrota e Santa Maria o sr. A. L. de Carvalho publicou um valioso trabalho de investigação histórica que foi distribuído no lugar da Batalha aos romeiros do dia 14 de Agosto.

As comemorações Gilvicentinas e "O Berço da Grei"

Voz de Portugal, brilhante jornal com sede no Rio de Janeiro, publicou, no seu número de 10 de Julho, de autoria do seu redactor-delegado, o abalisado jornalista Sr. Luiz Barradas, um expressivo artigo em que analisa com elevação, lealdade, critério e elegância mental a atitude de *O Berço da Grei* perante a consagração gilvicentina.

Rejubilamos com a homenagem expontânea e desinteressada que o jornalista Luiz Barradas presta, por intermédio do nosso jornal, à cidade de Guimarães, que, através do nosso jornal tomou uma atitude equilibrada em face da comemoração gilvicentina.

A seguir transcrevemos o referido artigo:

O Berço da Grei, semanário nacionalista da vetusta cidade de Guimarães, de que é director o distinto jornalista minhoto, Hugo de Almeida, vem defendendo, com calor e inteligência, a celebração de luzidias comemorações pela passagem do 4.º aniversário da morte de Gil Vicente, fundador do Teatro Português e vulto de notável envergadura intelectual de quinhentos.

Seria o momento feliz de Guimarães, suposta terra da naturalidade do glorioso e consagrado poeta e literato medieval, prestar condigna homenagem a Gil Vicente.

O primoroso hebdomadário abrija uma secção especial na qual se inseriam os depoimentos dos vultos mais notáveis do país, a fim de se estabelecer um programa sugerido por inquérito calculado—um programa ponderado, condigno.

Entre êsses valiosos depoimentos, lembra-me de ter lido o do Dr. Alfredo Pimenta, que preconizava a erecção «de um monumento que não fôsse um fontenário». Outros intelectuais sugeriram a construção de uma casa de espectáculos, uma série de conferências, representações ao ar livre, em forma de entremez, de alguns autos do imortal mestre das letras, edições gilvicentinas, etc.

Como muito bem diz o referido semanário, a execução dêste programa representaria um título de glória para a nossa geração.

A Câmara Municipal de

Guimarães, a despeito dos múltiplos problemas que tem, neste momento, a seu cargo, animara-se com a justa consagração que a cidade devia dedicar ao genial vimaranense, deliberando auxiliar e realizar nas medidas das suas possibilidades.

E, neste nobilitante propósito, foram enviadas a Lisboa, individualidades encarregadas de realizarem os trabalhos tendentes a transformar em realidade a grande homenagem gilvicentina.

Surge, porém, um imprevisto: o sr. dr. Júlio Dantas envia à Academia de Ciências uma comunicação para que a comemoração do 4.º centenário da morte de Gil Vicente se não efectue neste ano — mas no de 1937!...

Porquê?

Houve quem atribuisse a singular comunicação a um motivo fútil: o adiamento da homenagem teria, como pretexto, as férias da Academia...

Mas não. Parece que presidem a favor daquela atitude, além dêsse, argumentos mais ponderosos.

Em seguida, *Voz de Portugal* faz uma larga transcrição do artigo em que *O Berço da Grei* se manifestou concorde com a comunicação do sr. dr. Júlio Dantas, na Academia de Ciências.

Esse artigo terminava com a seguinte conclusão, transcrita pelo jornalista sr. Luiz Barradas:

«Qualquer homenagem a Gil Vicente anterior a Dezembro de 1936 não pode, com fundamentos históricos, ser considerada comemorativa do 4.º centenário do poeta, pois, reuados quatro séculos, o comediógrafo ainda estava vivo.

Se Gil Vicente tomou parte na representação da «Floresta dos Enganos», em Dezembro de 1536, segue-se que todas as comemorações anteriores a Dezembro de 1936, são extemporâneas.

Não podemos, anteriormente a êste mês e ano, afirmar com fundamentos históricos, que se comemora o 4.º centenário da morte de Gil Vicente.»

O Berço da Grei conclue desta forma a questão suscitada pela Academia:

«E' falso.

(Continua na 6.ª pagina)

O inimigo n.º 1 da civilização

Herói Lusitano

«O comunismo materialista, desprezando todos os valores morais, é a negação da personalidade, rouba-lhe todo o valor e toda a significação, é o aniquilamento total do Homem, a sua mecanização obrigatória.

O comunismo é, no campo social, o predomínio de uma classe sobre as outras; no político, o regresso à autocracia primitiva; no económico, a primazia do consumo sobre a produção; no espiritual, a substituição do sobrenatural por um ateísmo grosseiro, imposto pela violência sistemática, que endeusa uma classe, considerada messiânica, e dela faz o deus ex-máquina de toda a vida superior.

Acrescente-se a este somatório de ideias o desbragamento sexual, (conhecido pelo eufemismo de Eugénica) destruidor da família, e temos criado o ente boçal, vegetando ao sabor do instinto e das paixões, bêsta desenfreada, amarrada à terra, tipo perfeito de escravo e de bruto moderno.

O comunismo é um movimento de exploração sentimental, provocado pelos exageros condenáveis do capitalismo burguês.

Os comunistas gritam contra a guerra.

Mas que autoridade têm estes emancipadores para lutar contra a guerra, se aceitam e defendem o maior exército do mundo, o exército vermelho de Staline?

Que autoridade têm estes propangandistas do marxismo-leninismo, quando sabem que o trabalho na Rússia é a brutalidade mais humana que se concebe?

Que autoridade têm estes libertadores para combater a miséria dos proletários, quando sabem que o filho do russo é hoje filho de ninguém, vivendo na rua e da rua e tendo, excepcionalmente, o Estado como madrasta?

O comunismo é a bestialização da mulher, a devastação da alma, o suicídio, em suma.»

Prestes a cair em mãos estrangeiras ergue-se Portugal, em fôrça nova, em defesa da sua Raça de séculos e num arranco de voz clama a reunião de todos num grito — *Pátria!*

E esse grito ecoa, séculos fora, cada vez mais e cada vez maior, atravessa as ossadas sacrossantas dos antepassados, chega à Lusitânia Antiga. Aí atinge fragor enorme. E' assim grande que o eco regressa. De novo sente as ossadas sacrossantas dos antepassados, de novo soa no presente — *Pátria!*

E' então que os homens verdadeiramente a sentem, a vivem. Ela conheceu Viriato e seus homens;

E, aparição do espírito, êle surge incitando à defesa.

Ei-lo. Dorso nu, forte e musculoso; moreno, cabelo comprido e barba curta; busto bem vincado, sereno e dominador: *o chefe.*

A mão esquerda, na ilharga, segurando o punhal curto e de lâmina larga: *a valentia*; o braço direito lançado para a frente, mão espalmada, dedos magros e compridos, como que dominando o espaço: *o comando*; aos pés, escudo pequeno e circular, descansa.

Esta figura domina. Ela grita bem alto, ela traduz a palavra — *Pátria!*

E' então que os homens verdadeiramente a sentem, a vivem. Ela conheceu Afonso Henriques e os seus homens.

E, aparição do espírito, êle surge incitando à defesa.

Ei-lo. Vem a cavalo. Mõço e gigante, o infante, cabeça alevantada olhando o Céu e as terras do Al-Garbe, espada erguida — *braço às armas feito* — desafiando a mourama. De vez em quando olha para trás — não vá seu vizinho de Castela incomodá-lo — volta ao norte e derrota-o.

Assim, ora defendendo, ora delineando aos golpes do seu montante o terreno pátrio, guiado por Deus — o Deus de Ourique — Afonso Henriques, o cavalo empinado; lançado no espaço e olhando o céu, braço estendido e forte segurando enorme espada, ordena a defesa do solo bemdito.

E em tropel veloz, passam os cavaleiros gloriosos de antanho: é o velho Lidador, Egas Monis, o Arcebispo de Braga, o D. Prior de Guimarães, todos os nobres e infanções daqueles tempos heróicos...

Embalsama-se o ar com o perfume das Rosas da Rainha Santa; passam os Santos de Portugal: rainhas, princesas, oradores e monjes...

Ouve-se o rugir do mar, como que chamando — forte e horrendo mas ao mesmo tempo sedutor — os homens a cumprir os altos vãos que lhes estavam destinados, para glória sua e dum povo imortal...

E passa D. Fuas Roupinho e a sua coorte de navegadores, os primeiros a cumprir o destino reservado a Portugal — o Mar!...

Ouve-se a frauta pastoril —, canção da Terra, do nosso pão e do nosso vinho, — cantares de amigo e de amor, amores de reis, — reis em exílio, amor da Pátria, Toledo, côrte do *rei-saúde*, saúde pungente, amor da Terra...

E' Sancho I e Sancho II; e D. Dinis e Pedro I.

De todos, heróis, santos e poetas, navegadores e povoadores, sai, em grito de alma, a palavra bem dita de — *Pátria!*

Esse grito cala bem fundo no coração ao alto dos portugueses.

E todos em fôrça nova, avançam, altivos, de encontro ao inimigo.

(Continua no 8.ª pagina)

PORQUE SERÁ ?

Porque será que o governo espanhol está senhor da situação mas...

— Todos os dias se demitem diplomatas...

— Todos os dias abandonam a Espanha os diplomatas estrangeiros...

— Todos os dias há adesões aos revoltosos...

— Todos os dias os revoltosos adquirem novas posições...

— Todos os dias os chefes das hordas marxistas tratam de pôr-se a salvo...

— Todos os dias os poucos ministrós que ainda restam em Espanha tratam de disporem os preparativos para a fuga no momento oportuno?...

A Festa das Colheitas

Por iniciativa de um aprimorado elenco de colaboradores do *Jornal de Notícias* o Pôrto vai em fins de Setembro ou princípios de Outubro consagrar numa festa regional e popular, a Uva, principal riqueza da província de Entre Douro e Minho.

Esta apoteose à terra duriense e minhota que, mercê do amoroso cuidado de milhares de trabalhadores agrícolas todos os anos se converte em pomos dourados, tem um expressivo significado regionalista, um sabor indígena que perturba o nosso sentimento nacional.

Entre as pessoas interessadas na execução deste grandioso programa sobressaem os srs. Arminho Peixoto, vimaranense residente no Pôrto, pessoa dotada de espírito de larga visão e empreendimento; Pinto Machado, dedicado Director do Palácio de Cristal; Juliano Ribeiro, jornalista de valor e os distintos escritores Samuel Maia e Amilcar de Sousa.

Com pessoas de tam elevado merecimento esta bela iniciativa será coroada do mais retumbante êxito.

Feiras e Festas de Jogueiros

Nesta populosa freguesia do concelho de Felgueiras realizam-se nos dias 28, 29 e 30 de Agosto importantes festejos com um variado programa.

A's feiras de gado cavalari correm os conhecidos compradores do Alentejo.

Aos expositores de gado bovino e cavalari são concedidos valiosos prémios.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Ainda que Cristo não fôsse a verdade, seria ainda a maior verdade da civilização portuguesa

E' assim que se expressa o inspector adjunto do director geral para os serviços de orientação pedagógica, sr. dr. Cunha Leão em fundo da «Escola Portuguesa» boletim do ensino primário oficial, de 16 de Julho do corrente ano.

Talvez nunca sua Ex.^a dissesse palavras mais acertadas.

Efectivamente Portugal nasceu das lutas por Cristo.

Na península guerreavam-se os pagãos quando Henrique foi chamado para lutar por Cristo contra os que o guerreavam. E com a Cruz numa mão, a espada na outra e uma fé ardente no coração, venceu.

Afonso VI dilatou assim a fronteira até ao Tejo.

Pela maneira como se houve nestas lutas foi a D. Henrique dado o govêrno do Condado Portucalense, pequena faixa de terra entre o Minho e o Mondego.

Para baixo o território tinha saído da corôa de Afonso VI para cair de novo em poder dos infieis.

Os portugueses desejosos de aumentar o território e ansiosos por dilatar o reinado de Cristo, combatem os pagãos. Mas não tinham força para êles. Porém Cristo que lá do alto segue os passos dos seus servidores, faz abordar à costa de Portugal os cruzadores que se dirigiam à terra Santa. Tudo era lutar por Cristo. Aqui e lá serviam o mesmo senhor. Por isso com a sua ajuda Portugal estendeu-se, por partes até Tavira.

Portugal e Cristo, a Espada e a Cruz, enlaçadas, de mãos dadas, venciam!

Agora por morte de D. Fernando debate-se a sucessão da corôa portuguesa. A viúva, uma desvairada de alma e de cabeça, joguete de vício, entrega-nos ao domínio castelhano. Mas os portugueses não o toleraram. As côrtes reúnem-se e o Mestre de Aviz é aclamado rei.

Mas Castela quer lutar.

D. João I que estava em Guimarães oferece-se a Nossa Senhora de Oliveira e promete-lhe algo. O Fronteiro-Mór do Alentejo habituado a altaneiros vôos consagra-se a Deus, renega o mundo de enganos e traições e segue para o campo da batalha com a vitória certa.

A luta trava-se, no dia 14 de Agosto de 1385, tremenda, horrível pela grande desproporção de forças deixando o chão juncado de cadáveres. Mas D. Nuno, de espada em punho, espada brilhante que fere a vista como um faxo de luz, espada invencível segura por um pulso de ferro,

abre caminho, segue adiante com admiração de todos. Os que o seguem ganham calor contemplando-o, o inimigo perde terreno estarecido perante o golpe do cavaleiro da luz. O rei castelhano foge mederoso, aferrado.

Ganhada assim a batalha de Aljubarrota D. Nuno Alvares Pereira não fica ainda satisfeito. Podia o inimigo recobrar ânimo e vir de novo em ofensiva.

Por isso êle próprio, com um pequeno exército pega em armas e invade Castela travando a batalha de Valverde.

Depois de assinada e ratificada a paz, D. Nuno que viera à terra para servir a Pátria e a Cristo, a Espada e a Cruz, funda o Convento do Carmo onde corrobora a consagração que de si tinha feito a Deus no campo da batalha e ali fica em preces, jejuns e orações rogando pela Pátria.

D. João, agradecido, funôa o Mosteiro da Batalha e trabalha por um período áureo que há-de assombrar o mundo inteiro.

Deus protege os seus.

Funda-se a Escola Náutica de Sagres, leva-se a civilização a todo o mundo e como sinal de domínio afixa-se uma Cruz.

Como não ha-de Portugal ser grande?

A Pátria e Cristo, a Espada e a Cruz, vencem!

Depois da morte de D. Sebastião e D. Henrique Portugal cai nas mãos espanholas.

A Pátria estiola-se, o ouro das conquistas vai para a opressora.

E' uma situação instável.

Portugal não podia continuar assim.

Um punhado de portugueses reúne-se diante da Cruz, armam-se diante dos altares sacrossantos e vai ao Paço. Num instante depõe um rei e põe outro. Foi um abrir e fechar de olhos!

Cristo e a Cruz venceram uma vez mais!

Depois o triângulo fraticida entrou em Portugal e com êle Cristo e a Cruz saíram dos lares e do coração do povo. Era o Liberalismo que se estendia pela nação levando-a à ruína em demagogias grosseiras.

Perdia-se a autoridade, perdia-se a Cruz, perdia-se a paz, só faltava perder de novo a independência. E essa perda quem sabe? estaria perto, tal o estado em que Portugal se encontrava!

Foi preciso que um soldado destemido e desempoeirado ajoelha-se aos pés da Virgem do Sameiro que nessa ocasião tinha baixado à beata cidade para presidir a um congresso em sua

(Continua na 8.^a página)

REVIGORAR

A desorientação espiritual que é o traço mais expressivo do «après-guerre», a vida vertiginosa em que o homem pretende aturdir-se para não sofrer a lentidão do decorrer das horas, como se não pudesse suportar o pêso da vida e as responsabilidades de viver, o egoísmo desagregador que transformou a luta pela vida em guerra pela vida — esgotaram os corpos e enfraqueceram as raças.

O homem passou a ser, aos olhos perscrutadores do sociólogo, um paradoxo desconcertante (como todos os paradoxos que não são apenas efeitos de estilo) por confiar em absoluto nas suas forças materiais e por ter perdido a noção do seu destino, escravizando o espírito, esquecendo o passado e não preparando o futuro.

Assim, as famílias dissociaram-se, as pátrias debilitaram-se e a humanidade, perdendo o ritmo, o compasso e a harmonia, deixou de ser um imenso enxame operoso, para se tornar uma multidão turbilhonante.

O homem deixando de considerar a sua utilidade individual, defraudou a fertilidade colectiva, isolou-se e fez-se inutil como uma fôlha desprendida da árvore, que anda ao sabor dos ventos, condenada à morte e à decomposição orgânica para fertilidade dos homens. Raúl Brandão ao fazer o balauço da sua vida com a perceptibilidade aguda que caracteriza a sua individualidade intelectual, inicia-o com êste dilema:

«Ou a Vida é um acto religioso — ou um acto estúpido e inútil.»

O homem ao receber da Natureza uma profunda e humilhante lição de Ordem perscrita por Deus, tornou-se definitivamente ateu, para satisfação do seu orgulho.

E o homem que não alimenta o germen da religiosidade, não suporta a fôrça da solidão que o impela para a meditação e para a auto-observação, porque não pode suportar a veracidade da sua mutilação espiritual.

Porém, sentindo o esgotamento próprio, procura refazer as suas forças por mero receio físico da frieza e da escuridão do túmulo e por temor dos vermes que operarão a destruição do corpo.

Então, levado pelo horror da destruição, o mesmo horror que abala, em frente dum corpo chagada, os que raro sentem os olhos humedecidos; então, levado pelo terror prematuro de penetrar no Supremo Mistério, pálido reflexo do terror que faz os moribundos agarrarem a roupa que os cobre no leito em que

dão o primeiro beijo na frente da Verdade — últimos esforços de naufragos no mar imenso da Eternidade — êle procura revigorar o corpo depauperado nas praias em que a multidão, ainda subjugada pela vertigem, busca paradoxalmente descanso e aturdimento, praticando um naturalismo desnaturado e exibindo um deturpado cosmopolitismo.

Daqui a decadência das terras e praias em que a vida decorre severamente. Esta decadência teve até o seu reflexo literário — os romances da passada época tinham geralmente uma parte da acção desenrolada em terras escondidas entre arvores e montados, no fundo dos vales ou a meio das encostas, pormenor hoje desaparecido.

Não é de estranhar, portanto, que as Caldas das Taipas tenham sido atingidas por essa decadência, possuindo dotes que lhe dão direito a um triunfo.

Situadas num ponto em que o Minho está pomposamente revestido de colorida vegetação, banhadas por um rio cujas margens são duas rimas sempre novas que pedem um poeta e dois quadros que chamam um pintor, dotadas de arredores cujos horizontes, embora não arrebatem, comovam e subjuguem como os do Gerez, encantam e prendem os olhos.

O Gerez torna os homens produtores, as Taipas com o seu ambiente de egloga tornam-nos bucolistas.

Um pintor deverá procurar no Gerez o fundo de um retrato de Antéro e nas Taipas o fundo de um retrato de Bernardim.

Eu já tive a ventura de lá me demorar alguns dias, porém, num tempo em que a minha sensibilidade mal balbuciava ainda e em que as minhas aspirações literárias, não passavam de pretenções.

Mas não se apagaram dos meus olhos os seus encantos.

Agora, ao ver o homem tentar abandonar a vida desorientada, desejosos de equilíbrio e de colaboração íntima, readquirindo o sentido e noções de colectividade, eu espero que as Taipas tenham de novo uma vida próspera. E quando os homens poderem suportar a sua serenidade, não a serenidade em que os olhos têm a fixidez e o entorpecimento de tédio, mas a serenidade pacífica e pacificada em que pode distrair-se e descansar, em que pode refortalecer o corpo e serenar o espírito — as Caldas das Taipas certamente voltarão à passada opulência

FRANCISCO ALDÃO.

Riso alheio

No hotel

Carlos muito zangado pelo bife que lhe serviram, diz para o criado:

— Arrê! é mais duro do que a sola da Nau Catrineta!

— Crêdo, patrão! o defeito é da faca... com tanto serviço... tem o fio virado...

Carlos ante esta resposta põe-se a afiar a faca sobre o bife, ante a admiração do criado que pergunta:

— Que está o sr. a fazer?

— Ora essa? Não vê? Estou a dar fio à faca.

Certidão de casamento

No Registo Civil pedem a um lavrador a certidão de casamento. Resposta do nosso homem:

— Não as trouxe; cuidei que não eram precisas.

— Pois era precisa uma só! Então tem mais do que uma, não é assim?

— O' meu sr.! Eu tenho cinco: dois rapazes — o Manel e o Quim e três raparigas; a Xica, a Tónia e a Micas... que são a cara chapada da mãe.. lá isso são, meu sr.!

Improviso

Um certo médico de apelido Sobral numa reunião em que estava um poeta, pediu a este que fizesse um improviso numa *quadra*.

Prontamente o nosso poeta, começou:

*Depois que o Dr. Sobral
Trata doentes a sério
Foi encerrado o hospital...*

O Dr. não reparando que a *quadra* estava incompleta:

— Lisongeiro, disse; e logo o poeta concluiu:

E alargado o cemitério.

Na escola

O mestre pergunta:

— Aonde é que nos primeiros tempos da Igreja os fiéis mais caro contribuíram para a expansão da sua fé?

Resposta imediata do Zéca:

— Em Alfândega da Fé!

Hipnotismo

Num certamen músico — literário, durante a recitação de umas poesias pelo seu autor, toda a assistência adormeceu. Apenas, lá a um canto, um cavalheiro aplaudia batendo palmas com as mãos enluvadas. Era surdo.

Finda a recitação, levantou-se e amável cumprimenta o poeta:

— Parabéns, muitos parabéns!... Diga-me V. Ex.^a como conseguiu este assombroso resultado! Com tão simples passagens de mãos, adormeceu toda a gentel...

Imagine-se o desapontamento do poeta.

14 DE AGOSTO

Festa popular, e festa de mocidade.

Nun'Alvares tinha 23 anos quando da revolução em Lisboa e 25 em Aljubarrota; D. João I, 25 ao ser proclamado defensor do reino e 27 na segunda daquelas datas. O estado maior do Condestável eram rapazes, de pouca idade, com o espírito aventureiro e irrequieto dos jovens, insofridos nas pelejas mas obedecendo cegamente ao chefe. Com estes se fez a campanha e se assegurou a independência de Portugal.

Hoje como então se exige espírito novo para fazer a revolução nacional, e espírito novo é mais fácil encontrá-lo em novos que em velhos, ainda que haja velhos com mocidade de espírito, e moços gastos por interesses e preocupações que não costumam ser da sua idade. E' porém essencial que o espírito da mocidade seja por nós formado no sentido da vocação histórica de Portugal, com os exemplos de que é fecunda a história, exemplos de sacrifício, patriotismo, desinteresse, abnegação, valentia, sentimento da dignidade própria, respeito absoluto pela alheia.

Facto cheio de ensinamentos é o comemorado hoje; homens que sirvam de exemplo para a nossa formação êsses que, à volta de D. João I e do Condestável, batalharam e serviram e foram de tamanha estatura que futuros séculos de maravilhas não lhes tocaram nem os puderam diminuir. Sobretudo êsse Condestável D. Nuno, depois frei Nuno de Santa Maria, guerreiro e monge, chefe de exércitos e edificador de conventos, vencedor de castelhanos e distribuindo em maus anos seus bens pelos mesmos que derrotara em batalhas para que não mandassem na sua terra, erguido por sua valentia no altar da Pátria como a Igreja o havia de erguer pelas suas virtudes nos altares da fé, cheio de honras e riquezas e enterrado em vida no Convento do Carmo, na dura estamemha de frade, quando depois de Ceuta lhe pareceu já não ser necessária a espada para defesa da Pátria, mas disposto de novo a vestir as armas se el-rei de Castela alguma vez tentasse invadir Portugal.

*
* * *

Por estes motivos os sítios de Aljubarrota e Batalha, devem ser os lugares dentre todos eleitos para as grandes peregrinações patrióticas, e eu quisera que no próximo ano ali acorressem de todos os cantos de Portugal, milhares, centos de milhares dos portugueses de hoje, sobretudo a juventude, para vivificar e robustecer ao calor dum passado heróico a sua devoção patriótica. E, visitados os campos da luta, entrariam, devotamente na igreja do Convento da Batalha que, ao contrário da do Escorial de Filipe II, lúgubre e apropriada para as exéquias dum grande rei, é clara e triunfal, como se não fôsse feita para a oração de todos os dias mas apenas para o solene *Te-Deum* das grandes e magníficas vitórias.

Nunca passo ali, mesmo apertado pela estreiteza do tempo, que não me sinta obrigado a parar, a entrar e pisando a campa rasa do guerreiro que salvou a vida do Rei de boa memória e parece ainda guardá-lo na morte, penetrar comovido na capela do Fundador. Aí se encontram os restos mortais de D. João I e da rainha D. Filipa de Lencastre, e à roda a «íclita geração de altos infantes»; e ali repousam os que consolidaram a independência de Portugal e assentaram as bases da sua grandeza futura.

OLIVEIRA SALAZAR.

Aljubarrota

Os povos, como os homens pois que a história não é mais que a relação da vida colectiva dos homens, atravessa por vezes momentos decisivos, quer para a sua existência independente quer para a sua evolução espiritual. Assim como os ataques inexoráveis da Dor, fisicamente revelados por doenças implacáveis, moralmente por desiluições que deixam cicatrizes impagáveis e intelectualmente manifestadas por dúvidas angustiosas em que o pensamento se contorce como um corpo de que êsse cancro se apoderou, alteram o sentido duma vida, tornando-a vencida ou vencedora — assim os povos, vencidas todas as forças espirituais e materiais, patenteiam a vitalidade da sua autonomia de que certos momentos são a prova real. Um povo que vence é um povo que afirma, um povo que se deixa vencer é um povo que nega ou que dúvida de si próprio.

Aljubarrota não tem apenas um significado ou um valor militar; Aljubarrota não é apenas mais uma batalha em que a bandeira nacional se desfalda vitoriosa, em que a espada dum chefe se ergue mais rutilante — Aljubarrota é a constatação da unidade dos ideais, das aspirações e das esperanças dum povo, desde o braço que empunha o cetro ao braço que maneja o arado, desde o braço que brande a espada que protege e defende ao braço que impulsionava a enxada que arroteia, alimenta e enriquece. E' em Aljubarrota que a alma portuguesa, vibrando mais alto ainda que os clarins de guerra, fala na primeira pessoa e afirma sem receio de desmentido.

Em 14 de Agosto de 1385 se lançou o remate da cupula duma nacionalidade e se colocou, em espírito a primeira pedra duma catedral.

Nos relatos dos cronistas e nas interpretações dos historiadores se acentua a missão de todos os corações, de todas as inteligências e de todas as almas. Se a não houvesse, se as classes estivessem desapegadas, os pendões nacionais seriam revolidos no pó e o povo português teria o doloroso renunciamiento e a desorientada revolta que os homens falhados têm perante a Vida e os povos subjugados perante a História. Mas a espada de Nun'Alvares venceu e os olhos dos seus cavaleiros viram a fuga do inimigo, desenfreada, veloz. E' consolidada assim a independência, assegurada assim a paz do lar comum, surgem anos volvidos, brilhando como uma constelação, os principes de Aviz.

(Continua na 6.ª página)

Aos mortos da Grande Guerra

Versos de pouco engenho e arte, mas ditados com Fé, Amor e Esperança.

*Eu era criança, menino e moço então,
E já adorava a Vimaranes minha terra,
Sonhando que a vi engrandecida — «ilusão»!
Surgiu tam formidável hecatombe — a «guerra».*

*Atrocidades, loucuras, miséria e dor.
Passa mais um ano, ainda não finda a guerra,
Marcham os nossos, lá vão; com saúdoso Amor
Adeus dizem às noivas, mãis, filhos e à «Terra».*

*Assisti então à cena mais comovente,
Que até hoje na retina pude fixar!?
A vida vale pouco, mãe, sê indulgente,
Não chores minha irmã, eu inda hei-de voltar!*

*Não voltou mais êste bravo que assim falava,
A vida perdeu em terra estranha; chorei.
Ao tombar ferido, dizem que murmurava,
Portugal, meu berço, foi por ti que eu lutei.*

*Outros mais ficaram sepultados, com glória.
Saídades, lutos, juramentos, tudo passa.
Nós não soubemos perpetuar em memória,
Os destemidos guerreiros — «Heróis da Raça»!?*

*Mas embora tarde Guimarães vais honrar
Os teus filhos, que foram na guerra esforçados,
Nas plagas africanas, na França, no mar,
Serão à posteridade, melhor lembrados!*

*Monumento digno aos «Mortos da Grande Guerra»
Guimarães, nobre cidade, vais levantar
Para orgulho nosso, sim, filhos desta Terra
E seu autor, cujo nome deveis gravar.*

*Amanhã, gerações novas, olhai em frente
Os vossos heróis, os serranos recordai!?
Com aprumo, rapazes filhos de tal gente
Sentido, almas em prece, a «Pátria» escutai.*

AURÉLIO FERRA.

(Versos lidos pelo autor no sarau orfeônico da Assembleia Vimaranesense em 29-7-1936.)

ALJUBARROTA

(Continuação da 5.ª página)

D. Duarte aprende nos livros e nos homens a arte de bem governar, e, como um velho imperador romano, tem primeiro a concentrada expressão do filósofo e mais tarde a encanecida e rugosa figura do moralista; D. Pedro procura «o saber de experiência feito», conhecendo as virtudes e as manchas de povos estranhos, percorrendo os caminhos das sete partidas do mundo; D. Henrique ergue-se na rocha de Sagres como S. João no deserto: solitário, como todos aqueles que se apegam obstinadamente a um sonho alto que os outros não compreendem e não alcançam, confiante e tenaz —

alma que sempre poderá reviver nos tablados, máscara dura como a de todos os profetas, desde os que devassavam na velha Judeia os mistérios do tempo ao que no cimo duma rocha batida de ventos e de ondas, devassava os mistérios e as brumas do mar. Os pintores apoderavam-se da sua figura — uns, representam-no sentado olhando o mar com dolorosa fixidez, mas outros representam-no de pé, braço estendido, apontando o caminho da nossa glória. Os príncipes de Aviz vieram escrever o complemento espiritual da Vitória de Aljubarrota, a Vitória conquistada pelo esforço de todos, pelo sacrifício de todos e pela união de todos os portugueses.

FRANCISCO ALDÃO.

As comemorações Gilvicentinas e «O Berço da Grei»

(Continuação da 2.ª página)

Em Dezembro de 1536 Gil Vicente estava vivo.

Aventa-se, porém, que à falta de conhecimento da data precisa da morte do mestre Gil, se fixe a sua comemoração no mês de Dezembro de 1536, por ser neste mês e ano que o fundador do Teatro Português assinou a derradeira obra.

Estava bem, desde que essa comemoração se efectuasse em Dezembro de 1936.

A' Academia não convém êsse mês, porque está em férias e a nós também não por o mês de Dezembro ter as características meteorológicas que todos nós conhecemos.

Após o último mês do ano qualquer data pode ser escolhida, porque de Dezembro de 1536 em diante os biógrafos do poeta perdem-se numa teia de conjecturas sobre a data da sua morte.

Será desnecessário referir que a nobre cidade de Guimarães, pela voz dêste seu defensor acérrimo, com um desassombro nobilitante, muito compatível com o tradicionalíssimo espírito de independência da vetusta terra do fundador da Nacionalidade Portuguesa, repeliria a primeira hipótese, se ela fôsse a razão determinante da atitude da Academia de Ciências. Sim, porque se houvesse apenas, como pretexto do adiamento das comemorações gilvicentinas, as férias da Academia — Guimarães, a gloriosa pátria de Afonso Henriques, que deu exemplo ao mundo e andou com Portugal

ao colo, não podia seguir-lhe a esteira!

Mas não. Esse adiamento é imposto por razões de peso, de certo. A' nota da Academia das Ciências, da presidência do ilustre mestre das letras, sr. dr. Júlio Dantas, prestaram apoio unânime todos os seus componentes.

Também o distinto escritor sr. dr. Agostinho de Campos, segundo um belo artigo que publicou num diário do Porto é de opinião que as festas jubilares do 4.º centenário da morte do genial comediógrafo poderão estender-se por 1937, «tanto mais que alguns fixam conjecturalmente em 1537 a data da morte do poeta».

E, assim, a Câmara Municipal de Guimarães, em sua sessão ordinária, deliberou acatar a resolução da Academia das Ciências de Lisboa, transferindo-se para o próximo ano a faustosa comemoração, pelo povo vimaranense, do 4.º centenário da morte do seu filho genial Gil Vicente.

O Berço da Grei, jornal que me inspirou êste artigo pela ponderada e inteligente campanha a favor do acontecimento que há-de ficar registado nos anais de Guimarães, merece que as últimas linhas dêste escrito traduzam uma pública homenagem à sua conduta patriótica e equilibrada.

Aqui lha deixo impressa com as minhas mais cordiais saudações. — «Nossa Delegação no Norte de Portugal — Rua 14 de Outubro, 679 — Vila Nova de Gaia.»

A' sombra da cruz

Faleceu no passado dia 8, na sua residência da Ribeira, freguesia de S. João da Ponte, confortada com todos os sacramentos, a sr.ª D. Luiza da Conceição de Macedo Martins de Menezes, que no meio vimaranense era extremamente estimada, mercê das suas excelsas qualidades.

A extinta era filha do saúdoso Conde de Margaride e irmã dos srs. João, Luiz, dr. José e major Alberto de Macedo Martins de Menezes e cunhada da sr.ª Condessa de Margaride.

A sua morte foi muito pranteada pelos desafortunados, pois perdem uma senhora que pela sua generosidade exerceu larga acção caritativa no meio vimaranense.

O funeral, que saiu da igreja de N. Senhora do Carmo, cons-

titiu uma expressiva manifestação de pesar.

Nele se incorporaram todas as pessoas de representação de Guimarães, numerosos amigos da illustre família de Margaride, casas de caridade, etc.

Toda a cidade manifestou o seu compungimento pelo passamento desta alma de eleição.

A' nobre família de Margaride, *O Berço da Grei* apresenta sentidas condolências.

CADELA COELHO

Perdeu-se, amarela, com patas brancas e orelhas «guixes», que dá pelo nome de Viana. Gratifica-se a quem a entregar na fábrica do Arquinho, e procede-se, a todo o tempo contra quem a retiver.

Do concelho

S. Torcato 11

Edifício Escolar — Publicou o *Berço da Grei* no seu penúltimo número um artigo sobre o nosso edifício escolar, condenando os dois salões ou salas de aula que estão voltados a poente e indicando a maneira de se remediar o mal.

Afinal, com mágua nossa, o artigo, foi já desoportuno. Quando ele saiu à luz da publicidade já estavam dadas ordens ao carpinteiro para abrir duas claraboias nas referidas salas. Por isso não nos manifestamos sobre o assunto, limitando-nos a dizer que, aquelas duas salas de aulas vão principiar a funcionar contrariamente ao preceituado no artigo 2.927 de 20 I-1917, que preceitua as condições da sala de aulas.

Luz eléctrica — A luz eléctrica nesta localidade que se deve ao desmedido esforço do sr. Alberto Pimenta Machado, é um dos maiores melhoramentos, e mais úteis que ultimamente se tem feito em S. Torcato. Congratulamo-nos por isso.

Pena é que estejam tantas lâmpadas apagadas há tanto tempo já sem que quem de direito mande remediar o mal.

Incêndio — Manifestou-se há dias incêndio nuns anexos da moradia do feitor da quinta de Lobeira da vizinha freguesia de S. Cosme de Lobeira de que são proprietários os herdeiros do sr. Francisco Fernandes de Faria, que foi da Carredoura.

Os anexos referidos que constavam de côrtes e barras arderam totalmente, muito embora os esforços dos populares que valeram a que o fogo se não propagasse ao edifício de habitação do caseiro.

Várias notícias — Este centro de romagem tem sido muito visitado diariamente por numerosos excursos.

Tem sido também grande o número de famílias que aqui, têm vindo em camionetes e automóveis de visita ao miraculoso S. Torcato.

— Brevemente realizar-se-á nesta localidade uma festa Jocista.

— Tem estado doente a menina Maria do Carmo Leão Tôrres de Faria extremosa filha da sr.^a D. Emilia Leão Tôrres de Freitas e do nosso assinante sr. João Ribeiro de Faria.

— Tem estado na Póvoa de Varzim a sr.^a D. Virginia Fernandes Mendes de Freitas em companhia das suas sobrinhas as sr.^{as} DD. Maria da Conceição Vieira de Campos de Carvalho e Maria Fernandes Mendes Marques.

— Para a mesma praia está o sr. D. Joaquim Lindoso oficial aposentado da marinha.

— Com a insolação morreu ha dias uma vaca ao negociante de gado sr. José do Mestre. — C.

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus clientes, as seguintes carreiras com o novo horário de verão, que vigorará até 30 de Setembro:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partida de Guimarães	= =	Chegada ao Pôrto
8 h., 12,30 e 19,15		10 h., 14,30 e 21,20

Partida do Pôrto	= =	Chegada a Guimarães
8 h., 10,15 e 18,30		10,05 h., 12,15 e 20,45

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães	= =	Chegada à Povoia de Varzim
7,15		9,55

Partida da Povoia de Varzim	= =	Chegada a Guimarães
18,50		21,30

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partida de Guimarães	= =	Chegada a Pevidem
7,35		7,50

Partida de Pevidem	= =	Chegada a Guimarães
8, h., 12,30 e 20,55		8,15, 12,45, 21 e 10

AOS DOMINGOS

Saída de Guimarães	= =	Chegada a Guimarães
8,5		8,45

Partida para a Povoia de Varzim
8,10

Propaganda para o consumo do mel junto da classe média

Na execução do seu programa de trabalhos continua o Ministério da Agricultura por intermédio do Posto Central de Fomento Agrícola recorrendo às mais diversas modalidades de propaganda, algumas inéditas nos serviços oficiais portugueses.

As suas últimas edições consistem numa sugestiva «plaquette», recomendando o uso do mel na alimentação infantil e no opúsculo «um açúcar natural, um alimento, um produto terapêutico — o mel», destinado ao corpo médico português.

Este interessante conjunto de propaganda acaba de ser distribuído por centenas de clínicos de todo o País tendo despertado grande interesse.

Será enviado gostosamente a todos os médicos portugueses que manifestem desejos de o receber para a sede do Posto Central de Fomento Agrícola — Tapada da Ajuda — Lisboa.

EM FAFE

Romaria de Santo Ovídio

Realiza-se no domingo, 16 do corrente, em Fafe, a tradicional romaria de Santo Ovídio, muito concorrida pelos devotos deste concelho.

A mesa da Irmandade, no louvável intuito de aformosear o local e dar, conseqüentemente trabalho, tem reservado uma parte das receitas para cobrir essas despesas.

Além da missa solene e sermão, pelas 10 horas, haverá, da parte de tarde, concerto pela Banda dos Bombeiros Voluntários, num coreto levantado no parque.

A Companhia do Norte, para maior comodidade do público, manda fazer paragem no local da romaria, de três combóios ascendentes e três descendentes, o último do qual sai de Fafe às 21,13 horas.

Passagens a preços populares.

A' MARGEM

Romagem à Batalha

Nesta hora incerta da vida dos povos, em que muitos novos fluem sem rimo nem morte, ao sabor de devaneios pretensamente intelectualizados, a romagem da mocidade aos campos de Aljubarrota exprime a vontade inabalável de prosseguimento da nossa vida nacional segundo a vocação histórica da raça portuguesa.

Ao sol quente de Agosto, na terra sagrada do chão da Batalha, a juventude nacionalista portuguesa, fez, na mais pura exaltação do sentimento lusitana, solene profissão de fé no futuro da Pátria.

Lição de vitalidade dum povo consciente da sua missão imperial neste ciclo de renascimento do orgulho português!

Propaganda corporativa

A convite do ilustre Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, ex.^{mo} sr. dr. Henrique Cabral, reuniram, na terça-feira pretérita, em Braga, as direcções de todos os Sindicatos Nacionais do distrito.

Sua ex.^a depois de ter feito um apêlo a todos os sindicatos para que se façam representar na romagem nacionalista à Batalha, frisou a oportunidade de todos os operários dos sindicatos encetarem uma intensa propaganda anti-comunista junto dos seus camaradas de trabalho ainda ingenuamente iludidos por essa monstruosa ideologia.

Todos afirmaram que já têm desenvolvido essa campanha, mas que de hoje em diante a vão intensificar com redobrada energia.

Doenças dos olhos

Dr. Vilas-Boas e Alvim

com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris

Ler e propagar

O BERÇO DA GREI

é contribuir para a divulgação das doutrinas do Estado Novo.

A História Pátria, Factor de Unidade Nacional

Comemorar as datas históricas num automatismo inexpressivo, sem um sentido de valor real que projecte na nossa vida fortes estímulos, é tarefa inútil.

Ensinar a mocidade a tirar dos acontecimentos históricos o seu significado moral para que o amor às glórias do passado se não transforme em simples contemplação retrospectiva, eis o imperioso dever de todos nós, a fim de contribuirmos, com a quota parte do nosso esforço, para o estabelecimento de uma só comunidade empenhada na mesma intenção nobre de engrandecer e defender, acima de tudo, o abençoado torrão que nos foi berço.

Seria estéril a comemoração das grandes datas, se no que foi não aprendessemos a conhecer a lição do que deverá ser.

* * *

A glória, o êxito que sempre coroou a unidade de acção dos portugueses, é uma das mais fecundas e expressivas lições da nossa História.

Enquanto o amor da Pátria foi o sentimento orientador de todos os actos nacionais, pairando, com soberberia e orgulho, acima dos interesses e das paixões dos homens, Portugal foi grande.

Só após a revolta dos vintistas, sob a influência deletéria das ideias da Revolução Francesa, a história nacional, transformada em história de partido, converteu-se num vasto campo de guerra civil.

* * *

Hoje, que Portugal se reintegrou no seu evoluir histórico, comemoram-se as datas históricas com o objectivo de exaltação do sentimento nacional.

* * *

Personificação gloriosa dos heróis de cavalaria medieval, Nun'Alvares santo e guerreiro, ressurgue aos nossos olhos como a síntese das virtudes da raça.

Pulverizou-se o retrato que o sr. dr. Júlio Dantas traça do herói lusitano «figura brusca, violenta, derrancada, cruel, combativa e grosseira do maior *condottieri* e do louco mais brilhante que Portugal tem visto à frente dos seus exércitos».

Segundo este escritor a bravura, a humildade, o fervor patriótico eram em Nun'Alvares sintomas de degenerescência.

Como muito bem frisou o sábio antropologista dr. Mendes Correia a figura de Nun'Alvares ressalta como tipo cerebral.

Na verdade, foi mais a fôrça moral do que a fôrça física que fez de Nun'Alvares o Chefe inteligente e ponderado que venceu em Aljubarrota mercê da sua «previsão sábia e ponderada das condições em que se desenvolvia a batalha».

A sua fé, o seu heroísmo, o seu acendrado patriotismo, são conseqüências da escola de cavalaria medieval, em que a sua alma se temperou.

* * *

Na tarefa de educação nacional apontemos às novas gerações Nun'Alvares como o Chefe que o povo adorou e seguiu, porque a arraia miúda via nele a incarnação do sentimento cristão e patriótico da grei lusitana.

Leves considerações

As goradas tentativas de perturbação da tranquilidade pública são um sintoma da firme consolidação da ordem portuguesa.

Esta consoladora verdade tem nos permitido o extraordinário desenvolvimento que, sob todas as modalidades de acção se verifica no nosso país.

A garantia da ordem é a condição básica da vitalidade do organismo social.

Quando, porém, este facto atinge foros de verdadeiro evento nacional, é se repararmos por instantes na desordem que lavra na Europa, principalmente na Espanha convulsionada.

Posta em paralelo a era de paz e acção construtiva que o Estado Novo abriu à vida nacional com a anarquia espanhola, a nossa orientação política reveste-se de uma incontestável superioridade.

Só agora, — quando a fogueira ateadada pela Frente Popular de Espanha consome, numa horrenda voracidade, edifícios, monumentos, igrejas, pontes, haveres e vidas — o conservador acordou, esgaseado, sob o domínio do pavor, reconhecido a Salazar pelo milagre de salvação nacional.

Urge, porém, que esta gratidão se traduza numa cooperação constante e desinteressada à obra do Estado Corporativo em prol da reconstrução social em marcha.

As atitudes de concordância apenas passivas, são absolutamente improficuas. O conservador português precisa de, em sua própria defesa, agir contra a nova invasão de bárbaros.

Para que essa acção seja eficiente, operosa e dinâmica, cumpre levar até às suas últimas conseqüências económico-sociais a instauração da organização corporativa.

Só através da formação de Grémios, Sindicatos e Casas do Povo segundo os princípios de justiça social que informam o Estatuto Nacional do Trabalho, será possível deter a onda de desvairo marxista que lançou a nação vizinha na mais trágica fase da sua vida histórica.

HEROI LUSITANO

(Continuação da 3.ª pág.)

Na frente ala môça, gente namorada, môça e valente, cavalga...

Pára o galopar da cavalgada. Silêncio místico de vitória.

De joelhos, cabeça erguida, olhando o céu, mãos em oração, um môço, reza.

Silêncio. Todos, de mansinho, ajoelham e, curvados, oram.

Levanta-se o jôvem e volta-se, sorridente e confiante. Era Nun'Alvares.

Aljubarrota, Agôsto de 1936.

Ainda que Cristo não fôsse a verdade, seria ainda a maior verdade da civilização portuguesa

(Continuação da 4.ª página)

honra, e com a espada numa mão e a Cruz na outra soltasse o grito redentor que em boa hora ecoou por toda a parte e veio salvar a Pátria da ruína certa.

E' por isso que hoje Portugal e os portugueses, cientes desta

verdade proclamam Cristo, o prisioneiro da Cruz, como rei, e dizem que, «ainda que Cristo não fôsse a verdade, seria ainda a maior verdade da civilização portuguesa».

E' por isso que Cristo e a Cruz foram introduzidas nas escolas onde se começa a ensinar a verdadeira doutrina!

C. DE BIDASSOÁ.